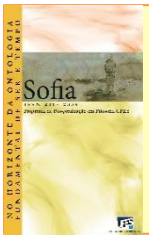
https://doi.org/10.47456/sofia.v15i2.52815



SOFIA

SOFIA, VITÓRIA (ES), V. 15, N. 2, P. 01-18, e15252815 Nov/2026
ISSN:2317-2339

Afrorreferenciando e encantando currículos e metodologias dos cursos de filosofia no Brasil: urgência do diversal

Afro-referencing and enchanting curricula and methodologies of philosophy courses in Brazil: the urgency of "diversal"

Seção: Opressões de Raça Gênero e Classe

Autor(a): Adilbênia Freire Machado

ORCID: 0000-0003-3226-2139

Contato principal: adilbenia@ufrrj.br

Afiliação: Departamento Educação e Sociedade, Campus Nova Iguaçu, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Brasil.

Como citar

MACHADO, A. Afrorreferenciando e encantando currículos e metodologias dos cursos de filosofia no Brasil: urgência do diversal. *Sofia*, Espírito Santo, Brasil, v. 15, n. 2, p. e15252815, 2026. DOI: https://doi.org/10.47456/sofia.v15i2.52815. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/52815. Acesso em: 11 nov. 2026.

Recebido: 01/06/2026

Received: 01/06/2026

Aprovado: 28/09/2026

Approved: 28/09/2026

Publicado: 11/11/2026

Published: 11/11/2026

Resumo

Esse ensaio tem o propósito de refletir acerca da urgência da diversalidade para que possamos tecer outros currículos e metodologias na educação e nos cursos de filosofia no Brasil, propõe-se perspectivas encantadas a partir do pensamento afrorreferenciado que parte do nosso próprio chão, das nossas realidades e experiências. Assim, pensamos em saídas de perspectivas monorreferenciadas, brancocêntrica, falocêntrica, reivindicando mudanças curriculares e metodológicas de forma orgânica, diversal, encantada. Dialoga-se com perspectivas do pensamento africano e indígena, usa-se de muitas perguntas para instigar uma com-versa, usa-se da repetição e do remédio do desencanto, o sonho, para tessitura do saídas para construção de currículos e metodologias antirracistas e antissexistas.

Palavras-chave: orgânico; filosofias afrorreferenciadas; epistemicídio.

Abstract

This essay aims to reflect on the urgency of diversality so that we may weave together alternative curricula and methodologies in education and philosophy courses in Brazil; it proposes enchanted perspectives rooted in Afro-referenced thought that springs from our own soil, our realities, and our experiences. Thus, we seek to move beyond monoreferential, white-centric, and phallocentric perspectives, advocating for curricular and methodological changes in an organic, diverse, and enchanted manner. We engage in dialogue with perspectives from African and Indigenous thought, use many questions to instigate a conversation, and employ repetition and the remedy for disenchantment—the dream—to weave pathways for the construction of anti-racist and anti-sexist curricula and methodologies.

Keywords: *organic; afro-referenced philosophies; epistemicide.*

Copyright (c) 2026 Adilbênia Machado – CC BY Attribution 4.0 International License. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License

Os Livros

Haverá um só livro com toda a sabedoria?
Se alguém disser que sim, então pergunta-lhe:
Por que é que no mundo há milhões de livros?
Até a Bíblia Sagrada é composta por vários livros

O mundo é imenso e não cabe num pedaço de papel
Nem existe linguagem perfeita para descrever a vida
O livro sagrado é adulterado e o perfeito modificado
Os livros são efêmeros mas a sabedoria é eterna

Todos os livros são sagrados e todos são profanos
Os livros bons têm algo mau e os maus têm algo bom
Há um livro por escrever no mosquito que passa
E a história de um só homem pode inspirar vários livros

Há livros de libertação e livros de manipulação
Há livros de sabedoria e livros de supremacia
Há livros que oprimem e outros que libertam
Há livros que usurpam as mentes dos oprimidos

O melhor livro do [ser humano] é o próprio [ser humano]
O melhor livro da sabedoria é a própria sabedoria
O melhor livro da natureza é a própria natureza
O melhor livro do mundo é o próprio mundo

Paulina Chiziane – O Canto dos Escravizados

Abrindo o diálogo: não vão nos matar agora

Começo esse ensaio com um questionamento necessário... questionamento, este, delineado por Jota Mombaça em seu livro **Não vão nos matar agora**: "como desfazer o que nos tornam"? Dialogando com a proposta do ensaio que aqui será delineado, pergunto: como desfazer o racismo, o sexismo, o epistemicídio próprio da Filosofia Ocidental, filosofia esta que permeia profundamente nossos currículos escolares e acadêmicos? Como desfazer metodologias que engessam nossa forma plural e diversa de pensar, de criar, de educar, de filosofar?

Já falei em alguns espaços, como em um texto publicado na coluna "Currículo e excelência na área de filosofia" da ANPOF (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia), intitulado "Os cursos de "filosofia" no Brasil são ocidentocêntricos, falocêntricos e têm medo do caos" publicado em 06 de Dezembro de 2023, como os currículos dos cursos de filosofia estão implicados em um movimento que nos engessa ao colocar o pensamento

ocidentocêntrico, falocêntrico, brancocêntrico como universal e superior, ao nos engessar, tira muito da nossa humanidade, da nossa capacidade de construir, de criar, de tecer conhecimentos diversos, conhecimentos estes que partam da nossa realidade, do nosso contexto político, social, econômico, cultural, espiritual... Que partam do nosso próprio chão, de nossas próprias experiências, vivências, desejos, sonhos...

No texto, referido acima, comecei dialogando com a pensadora guarani Geni Núñez que inicia o livro partilhando algo muito rico que aprendera com Frantz Fanon, afirmando: "a descolonização pode ser sentida como uma desordem, um caos, porque a ordem e a normalidade são as características da colonização, de modo que a descolonização, quando se efetiva, produz justamente desordem absoluta" (Núñez, 2023, p. 17). Nesse sentido, partilhamos do desejo de causar desordem para promovermos uma *alegria do pensar,* um movimento caótico, pois é nesse caos que criamos, recriamos, co-criamos, gestamos saberes, sabendo que "quando pensamos em algo novo, ou estranho, e, inquietante, muitas vezes esquecemos que há determinadas sensações de estranhamento que não vêm de algo que é inédito, mas justamente do que nos é familiar de alguma forma ainda não elaborada" (Núñez, 2023, p. 18).

Partindo do desejo do caos e para seguir esse diálogo, essa com-versa, preciso dizer que, assim como disse minha Mestra Maria Toinha, a mulher da Mística dos Encantados, "sou uma mulher negra e andarilha [dos] sertões", sou uma mulher negra e nordestina. Digo isso porque foi meu lugar de negra, sertaneja, forjada na lida desse chão, junto a fome, o desejo, a busca, a curiosidade e a necessidade de entender travessias afro-indígenas que atravessavam e atravessam meu sertão cearense que me levaram à filosofia, dentro de uma perspectiva profissional. E é na linha desse desejo, dessa fome, dessa curiosidade, dessa necessidade que tecerei um rascunho caótico do que venho desenhando em meu pensamento / prática. Rascunho que se propõe um convite para pensarmos o encanto do diversal.

1. Escolarizando o mundo: projeto epistemicida

Daniel Munduruku em "A pedagogia do pertencimento dos povos da floresta" diz que nasceu bem no ano do Golpe Militar no Brasil e "os militares decidiram que as crianças indígenas deveriam ir para a cidade para aprender a ser gente 'civilizada'" (2024, p. 71). E o que isso representava? Daniel Munduruku segue afirmando: "[…] tive educação formal, o ensino dos costumes e saberes da cidade para que pudéssemos nos tornar, o que eles diziam

à época, um cidadão civilizado. Para eles isso também queria dizer: uma pessoa, uma pessoa brasileira" (Munduruku, 2024, p. 71). Ser uma pessoa brasileira implica, ser humanizada a partir da lógica do colonizador, e para nos tornarmos essa pessoa "era necessário negar quem eu era, minha tradição, e aceitar aquilo que as autoridades brasileiras acreditavam que era conveniente eu ser" (Munduruku, 2024, p. 71). Ou seja, "essa mudança significava abandonar tudo aquilo que eu trazia dentro de mim que tinha origem na minha ancestralidade" (Munduruku, 2024, p. 72). Esquecer, negar nosso pertencimento primeiro, nossa ancestralidade, os saberes da tradição é urgente, dentro desse universo, pois "o conhecimento da tradição se chocava com o interesse dos militares de nos ensinar uma profissão para exercê-la na cidade grande" (Munduruku, 2024, p. 73).

Desse modo, a educação formal que nega saberes de outros povos, fundamentalmente indígenas e africanos, acaba por impor um saber sintético, "pois é um saber desenvolvedor do ter", como ensina o Mestre Antônio Bispo dos Santos, nosso Nêgo Bispo. É um saber que não tem implicação com a criatividade do caos que cocria, mas com o fazer sem questionar, com o fazer para o ter, o servir, onde a criticidade, a consciência crítica não deve existir. Ter e não ser!

Não será isso o que os nossos currículos fazem? Não será esse desejo que segue demarcando a educação brasileira? A filosofia presente em nossos bancos escolares e acadêmicos, em larga medida, ainda é aquela que nos desumaniza, que não ensina a filosofar, portanto, não nos ensina a sermos pessoas críticas e conscientes de nossos direitos, deveres e capacidades, que nos tem como um fardo, aqui faço uma referência ao documentário "Escolarizando o mundo: o último fardo do homem branco"[1] (2010). Trago, então, algumas frases que me marcam todas as vezes que assisto tal documentário[2]:

"Para mudar uma antiga cultura em apenas uma geração basta mudar a maneira que se educa as crianças".

Essa fala é muito profunda e mostra o quão educação formal é fundante na construção da sociedade, portanto, o currículo "como um espaço de significação, está estreitamente

[1] Dirigido pela norte americana Carol Black, é uma co-produção americana e indiana que aborda o contexto educacional indiano dominado pelo modelo educacional ocidental, tanto no campo quanto na cidade. É um documentário que dialoga profundamente com a realidade brasileira. Em alguns lugares encontra-se a referência de 2010, em outros, 2011, aqui ficaremos com a referência de 2010.

[2] Colocarei as citações oriundas do documentário em itálico.

vinculado ao processo de formação de identidades sociais" (Silva, 2010, p. 27), está estreitamente vinculado a formação do nosso pertencimento e pertencimento se dá pelo fortalecimento de nossa ancestralidade, de valorização de nossos saberes, de nossas memórias, de nossas culturas, de nossas tradições.

No documentário, durante o discurso de inauguração de uma escola indígena a seguinte frase fora dita: "*Deixe tudo o que for indígena dentro de você morrer"*. Qual é o grande objetivo desse deixar morrer? É criar "*uma classe de pessoas indianas de sangue e cor, mas inglesa em opiniões, em moral, em intelecto*". Assim se dá o processo colonial, o processo de dominação, na tentativa, geralmente por meio da violência, "de apagamento de uma memória para que outra possa ser composta" (Santos, 2023, p. 12). Assim, se atrofiam mentes, desejos, habilidades, sonhos para que "não tenham um imaginário, para que não consigam fazer sua autogestão" (Santos, 2023, p. 12).

As memórias ancestrais são fundantes para o enraizamento e o fortalecimento de nosso pertencimento. Daniel Munduruku afirma que "a memória é aquilo que os nossos antigos a todo tempo defendem: a memória é garantia do pertencimento. E o pertencimento é uma forma de nos colocarmos à disposição para que a própria memória se atualize […]" (2024, p. 74-75). Nesse sentido, "a memória garante o que nós somos, a memória nos conecta ao que nós de fato pertencemos. A memória garante que a nossa ancestralidade faça parte de nós" (Munduruku, 2024, p. 75).

Nossos currículos trabalham com a perspectiva de que a Cultura Ocidental (brancocêntrica e falocêntrica) representa progresso e a cultura local é atrasada, primitiva e vergonhosa. Acabam por internalizar em nós o ódio às nossas culturas, aos nossos corpos, nos adoecendo, adestrando. Sueli Carneiro (2005, p. 97) chama isso de epistemicídio, ou seja, "um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais" e em

> suas vinculações com a racialidades realiza, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores constitui, uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade / biopoder, e que tem por característica específica compartilhar características tanto do dispositivo quanto do biopoder, a saber, disciplinar/ normatizar e matar ou anular (Carneiro, 2005, p. 97).

Eliseu Pessanha afirma que "matar o pensamento do outro, na verdade transformar esse outro em "coisa", em uma mera ferramenta para gerar lucro para o sistema econômico capitalista, é uma estratégia que foi determinante para relegar ao negro uma condição de

subalternidade e inferioridade perpétua" (2018, p. 63). Ou seja, "ao impor a insígnia da raça e classificá-la como não-humana cria-se uma categorização de seres despossuídos de racionalidade, isso inclui, é claro, a memória. Dessa forma se nega o passado; apagando o que foi produzido em termos de conhecimento […], nega-se o presente; anulando as possibilidades de ascensão social e econômica…" (Pessanha, 2018, p. 63-64). Desse modo, estabelece-se, referindo-se ao povo negro, "o extermínio dos corpos negros, seja pela negação do acesso à educação e nega-se o futuro; mais uma vez pelo extermínio dos corpos negros e pela estratégia de submeter esse subalternizado à uma cultura e estética impostas pela branquitude[3]" (Pessanha, 2018, p. 64).

Impor uma educação pautada na negação do nosso pertencimento é movimento epistemicida que segue o projeto genocida de povos ditos inferiores para justificar o projeto colonial, pois

> Para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque **não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes.** E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento considerado legítimo ou legitimado. Por isso **o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado, sequestrando a própria capacidade de aprender**. É uma forma de sequestro da razão em duplo sentido: pela negação da racionalidade do Outro ou pela assimilação cultural que, em outros casos, lhe é imposta. Sendo um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, **o epistemicídio se efetiva, sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores racialmente, como uma tecnologia que integra o dispositivo de racialidade e que visa o controle de mentes e corações** (Carneiro, 2023, p. 88-89, grifos meus).

[3] Segundo Eliseu Amaro Pessanha (2018, p. 64), "o termo branquitude se refere de certa forma a identidade sócio-político-cultural das pessoas brancas ou tudo que essa identidade acumulou durante toda história das relações entre pessoas negras e pessoas brancas. O uso mais pioneiro do termo é atribuído ao filósofo estadunidense W. B. Du Bois, *whiteness*, na obra *Black Reconstrution in the United States* (1935) e posteriormente pelo psiquiatra e filósofo martinicano Franz Fanon *em Pele Negra Máscaras Brancas (1952).* No Brasil há o registro de termo semelhante, brancura, usado pelo sociólogo Guerreiro Ramos no artigo *A patologia social do 'branco' brasileiro (1957).* O filósofo jamaicano Charles W. Mills no artigo *White ignorance (2007)* argumenta como factualmente a branquitude opera: "A branquitude é originalmente coextensiva com a humanidade completa, de modo que o Outro não-branco é compreendido através de uma série histórica de conceitos cujo denominador comum é a localização de seus sujeitos em um degrau ontológico e moral mais baixo" (Mills, 2018, p. 426)."

Controlar, colonizar, adestrar corações e mentes fundamenta-se no não lugar, no não pertencimento, no não ser… uma senhora que participa do documentário "Escolarizando o Mundo" afirma: "*pensam em ser médico, engenheiro e os valores de compaixão, bondade e ajuda mútua estão lentamente desaparecendo*" (2010). É uma educação que não nos ensina sobre nossa própria ecologia, cultura, economia, sobre saberes e fazeres locais.

Assim, essa escolaridade do mundo, monorreferenciada "*te ensina a ser um semi-alfabetizado para um outro sistema ao qual você não tem acesso, porque você não pertence a classe certa, ao privilégio certo, etc*." Esse é o grande fardo do homem branco[4]: nos colonizar e seguir o projeto colonial com o propósito de nos domesticar, nos civilizar. Ser o herói que leva cultura, conhecimento, valores aos povos inferiorizados por esse que se coloca como herói. Desse modo,

> Essa obsessão pela norma única, pela métrica universalizante que tenta suprimir as singularidades e os contextos locais, ecoa perversamente aquilo que Nego Bispo identifica como a violência intrínseca ao pensamento hegemônico, "euro-cristão-monoteísta", em sua faceta colonial (Santos; Kohan; Junior, 2025, p. 3). Um pensamento que, por se pretender universal e único detentor da verdade, opera pela negação e destruição das diversidades, impondo um modelo civilizatório que hierarquiza saberes e modos de existência (Flor do Nascimento, 2024, p. 108).

Essa escolarização esvazia valores, adoece, nos tira de uma outra relação com a natureza, onde ela é compreendida como parte de nós. Nos afastamos da natureza, de nosso íntimo, de nossos saberes. Nos tiram a capacidade de imaginar, de criar.

O homem branco nunca nos salvará! E o projeto de civilização segue nos inferiorizando, animalizando, nos colocando sempre como não ser, no caso das mulheres negras e indígenas, não ser do não ser. A educação transformou-se, a partir da escolorização monorreferenciada, "um investimento que cada indivíduo deve fazer em si mesmo para aumentar sua 'empregabilidade' e, consequentemente, sua capacidade de gerar renda" (Flor do Nascimento, 2024, p. 109), deixando de ser "um fim em si mesmo, um processo de formação de pessoas" (Flor do Nascimento, 2024, p. 108).

[4] Ao dizer "homem branco", estou me referindo a indivíduos do sexo masculino. Homem em uma perspectiva de "humano", é colonial, racista, sexista, pois é um modelo que parte do ser do sexo masculino branco, cristão, heteronormativo, com poder aquisitivo…

2. Afrorreferenciar para Encantar: Ser Diversal

Antônio Bispo dos Santos, nosso Mestre Nêgo Bispo, afirma que "apesar de serem criaturas da natureza, os humanistas se descolam da natureza e se tornam criadores. Daí sua necessidade de sintetizar o orgânico, de chamar todas as vidas de matéria-prima. Essa matéria-prima passa a ser um objeto a ser melhorado, beneficiado e sintetizado pelos humanos..." (2023, p. 29-30). Desse modo, "eles se sentem os donos da inteligência, se sentem o próprio deus – o deus da lógica da verticalidade, na lógica do poder, da interferência na vida alheia e da manipulação, e não um deus na lógica da biointeração" (Santos, 2023, p. 29-30).

Nessa perspectiva meu intento é que a educação, que a filosofia, nos ensine a sermos pessoas incivilizadas, diversais, pois, como nos ensina nosso Mestre,

> enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos. Nós somos os diversais, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Os humanos são eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. A cosmofobia é a grande doença da humanidade (Santos, 2023, p. 29).

Afrorreferenciar o conhecimento, a educação, a filosofia, é compreender a pluralidade, a diversalidade que habita nosso ser, que habita nosso chão, pois compreendemos, dialogando com Vanda Machado, que "a educação é uma ciência viva, não é uma teoria abstrata" (2024, p. 27), é orgânica. Desse modo, "o ato de educar nos envolve à medida que a sociedade vive seus acontecimentos históricos, onde deve atuar com estreito contato com a criatividade, objetividade que obriga uma aproximação com a realidade e tradição oral, como a grande escola da maioria dos povos africanos" (Machado, 2024, p. 27). Do mesmo modo, compreende-se a educação da tradição dos nossos povos originários, pois as culturas indígenas, assim como "as culturas africanas não são isoladas da vida. Aprende-se observando a natureza, aprende-se ouvindo e contando histórias […]. Tudo é história. A grande história da vida compreende a história da terra e das águas…" (2024, p. 27).

O pensamento afrorreferenciado parte da compreensão de que partimos, povos afro-indígenas, de uma mesma ancestralidade, a terra. É nesse emaranhado, nesse nó da existência, que povos africanos, que vieram para cá em virtude dos processos de escravização, e os povos indígenas se encontram, sabendo que somos natureza, somos terra. Portanto, o pensamento afrorreferenciado traz em si essa encruzilhada de pensamentos africanos e

indígenas em nosso chão, em uma relação ancestral com nossa existência, partindo do nosso pertencimento, compreendendo que sabedoria profunda, que conhecimento profundo é tecido pela ancestralidade e, assim, a educação se faz processo contínuo, diário.

Em larga medida nossos currículos são cosmofóbicos, torná-los diversais é mais que urgente... as filosofias africanas e indígenas, as filosofias afrorreferenciadas, estão implicadas com os diversais, cosmológicos, naturais e orgânicos. Estamos implicadas com o envolvimento com saberes orgânicos. Nêgo Bispo nos diz:

> *Humanismo* é uma palavra companheira da palavra *desenvolvimento,* cuja ideia é tratar os seres humanos como seres que querem ser criadores, e não criaturas da natureza, que querem superar a natureza. Do lado oposto dos humanistas estão os *diversais* – os cosmológicos ou orgânicos. Se os humanos querem sempre transformar os orgânicos em sintéticos, os orgânicos querem apenas viver como orgânicos, se tornando cada vez mais orgânicos. Para os diversais, não se trata de desenvolver, mas de envolver (Santos, 2023, p. 30, grifos do autor).

Portanto, é mais que urgente alimentar, construir pensamentos orgânicos, pois orgânico é acessível, é o que todas as vidas podem acessar (Santos, 2023). Daí pergunto: os textos que você escolhe para suas aulas são orgânicos?

Discutir sobre raça, sobre racismo, sobre sexismos, etc. no Brasil não implica em sua desconstrução, em sua destruição, discutir sem agir não muda a história. Mais importante do que falar é fazer e eu pergunto: e você filósofo, filósofa faz o quê para mudar seus currículos? Você tem um olhar crítico acerca das ementas? Suas referências bibliográficas, que cor tem? Que gênero? Que chão? Estão tentando mudar os currículos? Quais são suas ações diante de diversas fraudes em bancas para que pessoas negras aprovadas em concursos não os assumam? Bancas que não permitem que pessoas negras cheguem ao final desses concursos? Há tantas outras perguntas a serem feitas, mas, por enquanto, fico com essas.

3. Currículos outros

Só é possível encantar "o currículo" de filosofia no Brasil quando a ancestralidade emerge da terra, das raízes profundas que sustentam esse país e essas raízes profundas não são europeias, ao contrário, a forma como a experiência europeia se deu aqui apresenta-se como erva daninha que segue envenenando as formas de ser estar no mundo e com mundo a partir e com o diversal.

Makota Valdina Pinto em "Meu Caminhar, Meu Viver", nos ensina que:

> É necessário não esperar mudanças a partir do sistema, mas sim começar a mudança a partir de nós mesmos enquanto educadores, nos questionando, principalmente, quando se é um descendente de africano. […] É preciso não ter vergonha de suas origens e ir em busca da história que ainda não foi escrita (...) dos valores que precisam ser resgatados no sentido da **construção de um mundo futuro, com justiça, equilíbrio e harmonia em face de suas diversidades étnicas, culturais e sociais**; isso tem que começar a partir o lugar em que estamos no mundo (2015, p. 174, grifos meus).

Makota Valdina Pinto reivindica nossas raízes, reivindica valorização do nosso pertencimento, antes disso, seu reconhecimento, reivindica o orgânico. Não há exclusão e não se busca hierarquização de saberes, etc., nos importa pensar/fazer de modo orgânico, circular, portanto, com justiça, harmonia, com respeito, solidariedade... escuta, mais que isso, escuta sensível, cuidadosa, amorosa, pois compreendemos que "se ao aprender envolvemos sensibilidades, sabemos também que *as sensibilidades aprendem. Se o ato de cuidar é acima de tudo um gesto ético-político, aí está imbricado também um gesto sensível que envolve o ato de aprender"* (Macedo, 2013, p. 99, grifo do autor). Por isso, encanto! É gesto ético-político do Cuidado, da potencialização de saberes vivenciados, experienciados, dos saberes da vida, das experiências discentes e docentes. É aprender desde-com.

Ou seja, não é só falar, é pensar e pensar enquanto ação, pensar/fazer! É nessa ação que nos encantamos e seguimos resistindo, re-existindo, apesar de tudo. Vanda Machado afirma que o currículo não é tudo, porém "deve ter a ver com tudo e com todos" (2017, p. 142), nesse sentido, ela pergunta: "Como construir uma prática que desconhece o lugar de onde se fala? Que desconhece para quem se fala?" (Machado, 2017, p. 142). Assim, compreendemos que "o currículo deve considerar a história, a cultura, as possibilidades e itinerância do outro e a sua própria" (Machado, 2017, p. 142). Portanto, consideramos que "o planejamento deverá contemplar aspectos que expressem, traduzam, compreendam a forma de ser do lugar e das pessoas para quem foi construído, para quem é e para onde foi pensado" (Machado, 2017, p. 142).

Jana Viscardi (2025), na orelha do livro *Descolonizando a Mente: a política linguística na literatura africana*, de autoria do professor, dramaturgo, autor e grande referência da Literatura Africana Moderna, Ngũgĩ Wa Thiong'o, afirma que em dezembro de 1977 o mesmo fora

> levado para um presídio de segurança máxima, onde ficou preso por um ano, sem qualquer julgamento. Antes da sua prisão, ele havia passado nove meses, junto de inúmeros colegas de diferentes classes sociais e profissões, atuando na escrita, produção e encenação de uma peça de teatro falada em gĩkũyũ, um dos idiomas de seu país, o Quênia. Um homem africano,

> escrevendo uma peça sobre a cultura africana, em língua africana, preso por um governo africano pós-colonial, nos dizeres do próprio autor.

Quando nossos bancos escolares e acadêmicos nos impõe um currículo, uma filosofia falada em francês, inglês e alemão, desqualificando filosofias forjadas em outras línguas, em nosso caso o pretuguês, nos impõem diversas amarras, algemas, nos colocam em presídios diversos, em diversas cavernas. Por falar em caverna, me parece que a Filosofia Ocidental Moderna é a grande Caverna da Alegoria da Caverna.

Enfim, é uma prisão a obrigação de pensar/forjar filosofias a partir de línguas, experiências, contextos geográficos, políticos, culturais diferentes do nosso chão, diferentes do que somos, e do que somos dentro da pluralidade, da diversidade do ser brasileira... É uma prisão, é violento esse pensar não apenas a partir de línguas que não nos pertencem, mas que também e, principalmente, nos negam, não nos permitem filosofar, julgando que somos incapazes. Cabe em pleno Século XXI questionar se existe Filosofia Brasileira, por exemplo? Não!

O Brasil é diverso, é múltiplo, e meu Brasil, como de inúmeras outras filósofas e outros filósofos, é antes de tudo sertanejo e nordestino. Eu não penso como alguém que nasceu em um hospital, cresceu em grandes cidades, em apartamentos... Eu nasci sob luz de lamparina, em um sertão onde a água que jorrava em casa vinha de cacimbas, de cacimbão, por braços, pernas, cabeça e força de mulheres que carregavam latas d'água na cabeça... Eu nasci com o pé no chão, forjada por muitas histórias contadas por pessoas mais velhas em seus terreiros, sob luz de fogueira, lampião, lamparina... Minha filosofia, antes de tudo, é filosofia do sertão (Machado, 2021).

É uma violência quando nossas filosofias são constantemente negadas, ridicularizadas... É uma violência quando vemos apenas nesses últimos anos, talvez cinco, filosofias africanas, indígenas, sendo reconhecidas, porém, da porta para fora, pois nossos currículos continuam coloniais e colonizadores. Leia-se: racistas, epistemicida, machistas, sexistas, desse modo,

> este processo enfraquece a criatividade vinda da própria experiência de outros lugares que não aparecem como nucleares para a produção do conhecimento e da filosofia, além de invisibilizar a rica e multifacetada produção de pensamento filosófico fora do citado eixo. Uma filosofia descolonizada estaria comprometida em pensar não apenas o local, mas desde o local, pensando estratégias que, atentas ao modo eurocêntrico de produzir conhecimento e filosofia, teriam as filosofias produzidas na Europa e nos EUA como apenas algumas entre outras formas de produzir a filosofia, o que ampliaria o aspecto da discussão sobre modos de produção filosófica (Flor do Nascimento, 2012, p. 80).

Então, volto a perguntar: o que você, efetivamente, tem feito para mudar essa realidade? Quem são as referências que estão nas bibliografias dos componentes curriculares que ministras? Quem são as referências bibliográficas de suas palestras, artigos, etc.? O que você está reivindicando nas reuniões de departamentos e colegiados? Quando você traz referências femininas, negras e indígenas, como você traz? Há uma tentativa de conhecer lugares, o chão dessas pessoas? Um exemplo: como você fala de Beatriz Nascimento sem nunca ter ido em um quilombo? Como você fala de pensadoras, pensadores negros e indígenas sem conhecer seus lugares de pertencimento? Você já foi em um terreiro de Umbanda? Candomblé? Você já foi em comunidades indígenas? Você já foi em uma favela? Você tenta conhecer, minimamente, outras realidades? Que deslocamentos você faz?

Não é possível falar de, por exemplo, Lélia Gonzalez, sem fazer um deslocamento mínimo para entender sua realidade de mulher negra, de origem pobre, etc... Desse modo, para tecermos uma educação antirracista se faz necessário a reformulação curricular, assim como de nossas práticas pedagógicas e isso implica nossas escolhas de referências, etc. Isso implica em mudanças metodológicas... O COMO fazemos!

A leitura crítica de pensadores como Hegel está vigente em seu fazer docente? Não é mais possível falar de Hegel sem falar sobre seu racismo... Hegel está entre aqueles filósofos que mais recusaram qualquer capacidade intelectual de origem africana. Na sua principal obra, "Filosofia da História", publicada pela primeira vez em 1837, seis anos após sua morte, declarou a África como um papel em branco contra o qual se poderia comparar toda a razão; além disso, classificou esse continente como o "país da infância", onde o/a negro/a torna-se o representante da "natureza em seu estado mais selvagem", de total inocência, ou seja, o continente africano era, então, "una tierra baldía llena de 'anarquía', 'fetichismo' y 'canibalismo', que espera que los soldados y misioneros europeos la conquisten y le impongan el 'orden' y la 'moralidad'" (Eze, 2001, p. 57). É fundamental repensarmos nossas bases, é fundante repensar desde e com nossas bases, só assim poderemos mudar o imaginário social racista, sexista que nos foi imposto. Portanto, pergunte-se: o que quero com a filosofia? Quero uma filosofia outra, uma pluralidade filosófica? Quero seguir fortalecendo a colonialidade ou implicar-me com a pluralidade de vozes, com a contracolonialidade, com a descolonização, com a decolonialidade, com o orgânico, com o diversal?

Em larga medida, o racismo, que estrutura nosso país, tem a educação como grande braço para manutenção da colonialidade que delineia os currículos de filosofia e isso tem o efeito

de uma bomba cultural, como diz Ngũgĩ Wa Thiong'o: "o efeito de uma bomba cultural é a aniquilação da crença de um povo nos seus nomes, suas línguas, seu ambiente, sua herança de luta, sua união, suas capacidades e, finalmente, em si mesmos" (2025, p. 36). A bomba cultural é o desencanto que nos assola, é o desencantamento do mundo que está entranhado no racismo, no epistemicídio, no sexismo, nos Projetos Pedagógicos de Cursos e currículos... Portanto, sem mudança curricular e metodológica essa transformação não é possível, e para essa mudança se efetivar é preciso desaprendermos o que aprendemos desde uma perspectiva desencantada e reencantar a partir de uma perspectiva plural, diversa, inclusiva, circular... uma perspectiva diversal!

É preciso recriar o "EDUCAR", deseducar... para educar e

> Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Tem que desfazer mentalidade racista e discriminatória secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribpuidas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas (BRASIL, 2004, p. 15).

Portanto, descolonizar e afrorreferenciar nossos currículos é trazer encanto para nosso ser/estar no mundo e com o mundo, onde nosso horizonte também seja guia, referência… É descolonizar nossas mentes e nos tirar de diversas prisões impostas pela colonialidade que é tão bem representada em nossos currículos brancocêntricos, falocêntricos, eurocêntricos. Afrorreferenciar nossos currículos é ter a ancestralidade afro-indígena como base, fortalecendo nosso pertencimento, o ser-tão que há em nós.

O encantamento diversaliza nosso ser / estar no mundo e com o mundo. O encantamento é político! É movimento ético e amoroso do orgânico e diversal. Afrorreferenciar e diversalizar nossos currículos é uma obrigação, pois qualquer curso de licenciatura que não esteja implicado com a implementação da Lei 10.639/2003, posteriormente, a 11.645/2008, está fora da lei! Ou seja, qualquer curso que não traz questões étnico-raciais, ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena está fora da Lei, não está, efetivamente, implicado com a transformação da sociedade, refletindo-a e promovendo ações para mudanças que possam trazer melhorias.

4. Metodologias Outras

Já estou acabando e parece que não falei de metodologia, né? A metodologia é o COMO fazemos, sem mudar esse como fazemos, falamos, escrevemos, pesquisamos, lemos não mudaremos nossos currículos! Não mudaremos nossas pesquisas, não apresentaremos nossos horizontes, nossas capacidades criativas e imaginativas.

As metodologias afrorreferenciadas são escreviventes, criativas, tecidas por nossos horizontes pois delineiam-se pelo fazer orgânico... nosso pensamento é orgânico e tá na hora da plasticidade, do sintético da filosofia ocidentocêntrica no Brasil aprender a olhar para o chão, para suas raízes e filosofar organicamente. Buscamos metodologias que elaborem "conhecimentos de formas não hierarquizada, dialógica e transdisciplinar, privilegiando o nosso próprio ponto de vista, sem perder a perspectiva da grandeza e da pluriculturalidade do nosso país" (Machado, 2024, p. 96). Desse modo, essas metodologias têm o "compromisso com os valores sociais e políticos que a referenciam" (Macedo, 2009, p. 121).

Já se foi o tempo de não aprender a filosofar e aprender a reproduzir pensamentos filosóficos que não estão dialogando efetivamente com quem somos. Já se foi o tempo de termos que fazer nossos mestrados e doutorados em programas de educação, principalmente, para que possamos falar de filosofias africanas, de filosofias indígenas… Já se foi o tempo de sairmos "da filosofia" para que possamos filosofar.

Sem isso, muitas pessoas, como eu, continuaram concluindo seus cursos de Filosofia "Ocidental" com a mesma certeza que tive ao concluir minha graduação há 20 anos: preciso fazer filosofia de novo. Essa certeza veio do aprender que no geral no Brasil não somos ensinadas a Filosofar, mas a reproduzir o pensamento filosófico de homens brancos, europeus... é o falo branco como centro!

Afrorreferenciar para encantar numa perspectiva diversal é tecer conhecimentos, tecer nossos currículos e metodologias implicadas na transdisciplinaridade, interdisciplinaridade, na educação antirracista, antissexista, implicadas com uma escuta sensível, acolhedora, afetiva, orgânica, cuidadosa, pois as filosofias afrorreferenciadas, africanas, estão implicadas com a ética do cuidado. Sabendo que "a porta para a entrada no mundo do conhecimento não pode ser apenas conteudista, objetivista ou analítica. Impossível a vida sem a capacidade de emocionar-se, de envolver-se e de sentir-se afetado. Afeto de quem se importa com o outro" (Machado, 2024, p. 72). Compreendemos que só existimos em relação, nesse afeto,

nessa ética do cuidado, pois viver é político e "para fazer política, o outro é preciso e é preciso ter cuidado, no sentido de cuidar, de pensar no outro" (Limulja, 2022, p. 19). Viver é político, a diversalidade é política do Encanto da e na nossa existência.

4. Para não acabar: nosso próprio horizonte

Para finalizar, sem acabar, pergunto, em diálogo com Daniel Munduruku (2024, p. 72): "como ser feliz dentro de uma escola, ou de uma universidade, quando não encontramos 'o nosso próprio horizonte'?".

Já ensinou a Mestra Filósofa Adenilde Petrina Bispo: "O saber filosófico nasce da vida, das caminhadas nos becos e vielas das nossas periferias" (2020, p. 18). Portanto, precisamos ter coragem para filosofar/educar com e para a liberdade, onde nosso aprendizado parta de vivências e onde possamos ensinar/aprender com a compreensão de que "educar é apresentar a vida, e não dizer como viver" (Machado, 2024, p. 43).

Mudar a forma de educar, mudar currículos e metodologias, nos traz a possibilidade de pensar/criar/co-criar/gestar outros horizontes, nos traz a possibilidade de sonhar, e é preciso sonhar longe, sonhar profundo, para encontrarmos palavras sábias, saberes orgânicos. Sonhar é resistir, sonhar é encantar. Mestra Maria Toinha ensina que "nosso remédio contra o desencanto é o sonho" (2024, p. 19). Sonhar é fazer!

Enfim, como diz a Mestra Maria Toinha: "...vou tratar de esticar minhas costuras, arranjar retalhos, fazer umas emendas a fim de encompridar não apenas o pano que descosturo, mas também meus suspiros neste mundo" (2020, p. 21). Suspiros filosóficos, ancestrais e encantados, sonhando tecer livros de libertação, de sabedoria, onde o mundo e a natureza sejam guias.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira.* Brasília: MEC/SEPPIR, 2004.

CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade:* a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundante do ser.* Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo - FEUSP, São Paulo, 2005.

CHIZIANE, Paulina. *O canto dos escravizados.* Belo Horizonte: Nandyala, 2018.

ESCOLARIZANDO O MUNDO: o último fardo do homem branco. Direção de Carol Black, Estados Unidos e Índia, 2010/2011. 1 vídeo (64 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=245QzE-2Fds. Acesso em 20 março de 2020.

EZE, E. Chukwudi: La moderna filosofia occidental y el colonialismo africana. In: EZE, E. Chukwudi. *Pensamiento africano:* ética y política. Barcelona: Ed. Bellaterra, 2001. Biblioteca de Estudios Africanos.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. Por uma filosofia afro-pindorâmica criacional: horizontes políticos entre ensinar, aprender e lutar. *Revista Polyphonía*, Goiânia, v. 35, n. 1, p. 105–121, 2024. Disponível em: https://revistas.ufg.br/sv/article/view/83235. Acesso em: abr. 2025.

FLOR DO NASCIMENTO, Wanderson. *Pensando a Escola:* entre a formação e a liberdade. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação. Número 6/7: maio/2006 – abril/2007, p. 76-100. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/4144. Acesso em 04 de Setembro de 2012.

LIMULJA, Hanna. *O desejo dos outros:* uma etnografia dos sonhos Yanomami. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Atos de Currículo e Autonomia Pedagógica:* o socioconstrucionismo curricular em perspectiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa:* educação e ciências humanas. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACHADO, Adilbênia Freire. Os cursos de "filosofia" no Brasil são ocidentocêntricos, falocêntricos e têm medo do caos. *Fórum de Debates – ANPOF***,** ANPOF, 06/12/2023. Disponível em: https://anpof.org.br/forum/curriculo-e-excelencia-na-area-de-filosofia/os-cursos-de-filosofia-no-brasil-sao-ocidentocentricos-falocentricos-e-tem-medo-do-caos. Acesso em: 06/12/2023.

MACHADO, Adilbênia Freire. Por uma filosofia do ser-tão. *Revista Cult.* Edição 271, Julho 2021.

MACHADO, Vanda. *Contos Míticos Afrobrasileiros.* Rio de Janeiro: Malê Edições, 2024.

MACHADO, Vanda. *Prosa de Nagô:* educando pela cultura. 2ª ed. Salvador: EDUFBA, 2017.

MOMBAÇA, Jota. 1991 - *Não vão nos matar agora.* 1. Ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MUNDURUKU, Daniel. A pedagogia do pertencimento dos povos da floresta. In: BALBI, Daniel; MUNDURUKU, Daniel; DAVID, Frei; CARNEIRO, Sueli. *Mestre das Periferias.* Rio de Janeiro: Editora Periferias, 2024.

NÚÑEZ, Geni. *Descolonizando afetos:* experimentações sobre outras formas de amar. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

PESSANHA, Eliseu Amaro de Melo. *Necropolítica & Epistemicídio:* as faces ontológicas da morte no contexto do racismo. Dissertação (Mestrado em Metafísica) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

PETRINA BISPO, Adenilde. A caminhada é uma construção coletiva e a filosofia não se separa da vida. *Problemata - Revista Internacional De Filosofia*, *11*(2), 9–20, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/article/view/54037/30941. Acesso em novembro de 2020.

PINTO, Valdina. *Meu caminhar, meu viver.* 2ª Edição. Salvador: Sepromi, 2015.

SANTOS, Antônio Bispo. *A terra dá, a terra quer.* São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

SANTOS, Maria Moura; SANTOS, Marcos Andrade Alves. *A mística dos encantados.* Ilustrações: Sophya Pinheiro. Trairi, CE: Editora Edições e Publicações, 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O currículo como fetiche - a poética e a política do texto curricular*. 1. ed. 4.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

THIONG'O, Ngũgĩ Wa. *Descolonizando a Mente:* a política linguística na literatura africana. Trad. Hilton Lima. Porto Alegre: Dublinense, 2024.

TOINHA, Maria; ANDRADE, Marcos. *Sonhaçu:* as infâncias encantadas de Maria Toinha. Trairi: CE: Editora Edições e Publicações, 2024.

VISCARDI, Jana. Orelha de livro. In: THIONG'O, Ngũgĩ Wa. *Descolonizando a Mente:* a política linguística na literatura africana. Trad. Hilton Lima. Porto Alegre: Dublinense, 2024.

METADADOS DA SUBMISSÃO

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

A autora assume responsabilidade por todos os aspectos deste artigo, conforme a taxonomia CRediT (Contributor Roles Taxonomy).

AGRADECIMENTOS

Os/as autores/as declaram não haver agradecimentos a declarar.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho não recebeu financiamento de nenhuma agência de fomento.

USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Os/as autores/as declararam que não utilizaram ferramentas de Inteligência Artificial Generativa na preparação deste manuscrito.

CONFLITO DE INTERESSES

Os/as autores/as declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste artigo.

DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA E OUTROS MATERIAIS

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão integralmente contidos no manuscrito.

LICENÇA DE USO

Copyright (c) 2026 Adilbênia Machado – CC BY Attribution 4.0 International License. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License

- **Texto completo:** CC BY 4.0. Uso gratuito com obrigação de reconhecer autoria e publicação original nesta revista.
- **Metadados:** CC0 1.0 Universal (Domínio Público) – livre uso, inclusive para fins comerciais.

EDITORA

Universidade Federal do Espírito Santo. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade das pessoas autoras, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.
https://periodicos.ufes.br/index/index

EDITORES

Editor-chefe: Jorge Luiz Viesenteiner 0000-0003-3727-7890

Editor/*ad hoc*: Maria Cristina Longo Cardoso Dias 0000-0003-1007-2449

Editor/*ad hoc*: Cassiana Stephan 0000-0003-2687-1202

Editoração e revisão: Lucas Souza de Freitas 0000-0003-2305-6923

ADILBÊNIA FREIRE MACHADO

Docente da UFRRJ, do Departamento Educação e Sociedade e do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. Líder do Grupo de Pesquisa Odus do Ser-Tão: Filosofias Africanas, Ancestralidade, Encantamento e Saberes Afrorreferenciados. Doutora (UFC) e Mestra (UFBA) em Educação. Licenciada e Bacharela em Filosofia (UECE). Coordenadora Adjunta da Área Científica Filosofia Africana e Afrodiaspórica da ABPN.

Os textos deste artigo foram revisados por terceiros e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação